

Arquitectura do Renascimento e Barroco

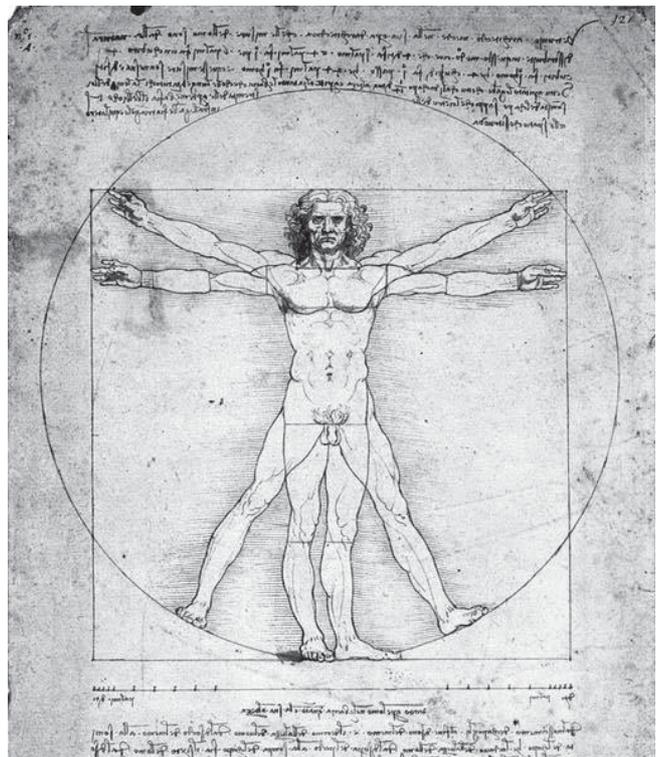
Exercício 02 - 2010

João David Serafim 18585

A Europa Ocidental, após a queda de Roma e do Império Romano Ocidental, mergulhou num período chamado a Idade das Trevas, as antigas cidades romanas foram sendo progressivamente desertificadas, a própria Roma que ultrapassava 1,000,000 de habitantes durante o apogeu do império quedava-se em volta dos 30,000 habitantes criando vastas paisagens de ruínas que alimentavam a imaginação e curiosidade dos seus habitantes; assistindo-se ainda a uma crescente urbanização da Europa em novas cidades.

Ao mesmo tempo, na Europa Oriental o império romano prosperava. As rotas comerciais entre o Oriente e o Ocidente eram asseguradas por Constantinopla e pela sua privilegiada posição comercial, militar e estratégica. A cultura romana era assim perpétuada durante mais um milénio após a sua queda no Ocidente, isto levou a que se verificou uma grande diferença entre a Europa Ocidental e a Oriental em que numa se estava a tentar redescobrir os conhecimentos e práticas do tempo do Império e na outra se dava continuidade e se vivia numa realidade bem diferente e mais próxima do império romano em que se conjugava o ensino religioso com os clássicos (Platão, Aristóteles, etc).

Resultado de diversas animosidades como o cisma do Oriente e das cruzadas, em que a cidade foi saqueada e despida do seu poder económico e efectivo, Constantinopla eventualmente caiu para os turcos em 1453. Esta transição de poder em Constantinopla marcou o início do Renascimento em Itália; devido às boas relações que havia entre Constantinopla e os territórios do Império Ocidental, particularmente os da península itálica, muitos sábios, eruditos e estudiosos fugiram de Constantinopla para a Itália onde foram recebidos como professores, conselheiros e filósofos nas cortes italianas, despertando-lhes o gosto pela época Clássica, pelo conhecimento e por todos os valores derivados da cultura Clássica que tinham sido perdidos no Ocidente após a queda do Império. O anterior saque a Constantinopla por parte dos cruzados ocidentais reflecte-se num crescente de poder, especialmente nas cidades italianas como Veneza, em que o concentrar de conhecimento aliado ao forte poder económico resultante do saque de Constantinopla permitiu que fossem realizadas várias obras renascentistas, fortemente inspiradas nos modelos clássicos.

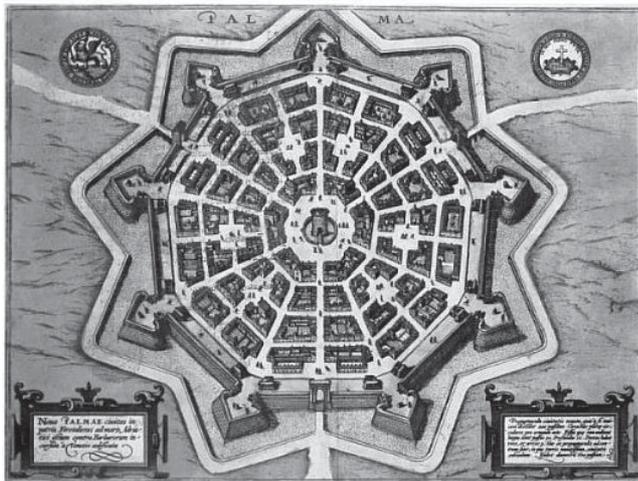


O Renascimento, tal como o próprio nome indica, representa o regresso aos ideais Clássicos, o fim da Idade Média, renasce com ele o espírito científico e racional que se vai propagar pelos movimentos artísticos seguintes e traz consigo uma nova visão e compreensão do mundo, uma em que a teocentrismo dá origem a um novo pensamento do Homem enquanto centro do mundo e do universo, em que este é a medida perfeita e tudo deve ser feito para ele. O homem vitruviano de Leonardo da Vinci personifica essa mesma visão do Homem e do seu lugar no centro do cosmos, também representa os redescobertos conhecimentos de anatomia e geometria e a própria imagem tem um rigor e carácter científico, além da própria imagem nua, que não tinha sido vista no Ocidente desde os tempos remotos do império romano. A própria composição da imagem do Homem Vitruviano assenta num pressuposto geométrico em que se verifica uma relação entre a geometria, o corpo humano e o cosmos que representa claramente os ideais renascentistas.

Leonardo da Vinci (1452-1519), além do autor, foi também o exemplo do que se pretendia que fosse o homem renascentista; apoiando-se nos ideais Clássicos em que os homens eram educados nas Artes, no Desporto e nas Ciências, concentrando um conjunto de competências e características num só indivíduo, esse poderia atingir uma profundidade de pensamento que abrangeria todos os conhecimentos da época, permitindo-lhe quase e

total independência projectual, dando-lhe os instrumentos necessários à realização das obras e sua compreensão no todo.

O renascer do interesse pela Antiguidade Clássica também se reflecte na reinterpretação dos antigos tratados de Architectura de Vitruvius por Leon Batista Alberti ou Sebastiano Serlio que, dentro do espirito da época, pretendem publicar a norma e regra clássica e assim a difundir. Estes redescobertos conhecimentos dotaram os arquitectos de novos e poderosos instrumentos como a perspectiva e a geometria que permitiam a antecipação, planificação e projectar das suas obras. Ainda hoje a actividade de projectar arquitectura emprega os mesmos instrumentos, tendo o Renascimento autonomizado o projecto separando-o da obra.



Os modelos de arquitectura religiosa renascentista são tendencialmente centralizados porque, apesar de no Ocidente se adoptar a planta de cruz latina com um percurso longitudinal, o modelo Oriental sempre foi o centralizado em planta de cruz grega. Como o Renascimento se baseou nos conhecimentos e modelos dos sábios romanos importados de Constantinopla, estes influenciaram as cortes e patronos italianos com as suas ideias e pensamentos difundindo assim o modelo centralizado em que o Homem é colocado no centro de tudo e é a medida ideal. Exemplo disto são as cidades de Sforzinda e Palmanova que foram projectadas no Renascimento a partir de modelos centralizados, com uma forte geometrização do espaço e um grande carácter militar. Na cidade de Pieuza, a centralização foi obtida através da construção de vários edificios estabelecendo relações com o centro. Os próprios edificios domésticos e civis começam a ser geometrizados e

as suas fachadas compostas geometricamente também, sendo esta geometrização ainda presente na divisão em quarteirões. Os interiores também são delicadamente trabalhados.

As paisagens urbanas renascentistas tentam alcançar um sentido territorial erigindo cúpulas e torres, que marcam a paisagem, nos centros eclesiásticos e civis.

BASÍLICA S. PEDRO II, ROMA

A evolução da igreja renascentista de planta centralizada culminou no projecto de Donato Bramante para S. Pedro.

Existem dois projectos para S. Pedro, em ambos surge uma grande cruz grega que constitui o núcleo de um complexo organismo espacial e que está modificada de modo a ceder à cúpula uma função dominante. Nos ângulos dos braços da cruz surgem quatro espaços menores, também com planta de cruz grega, que surgem como igrejas centralizadas completas enquanto os seus braços interiores formam um deambulatório em redor da cúpula principal. Sacristias octogonais, coroadas por altas torres, foram agregadas entre os braços



exteriores das unidades mais pequenas.

A principal diferença entre um projecto e outro é um fortalecimento geral dos pilares portantes e a adição de nartex semicirculares em torno das quatro absides do espaço principal. Bramante conseguiu adaptar a nave longitudinal à planta central. Bramante utilizou também a ilusão causada pela perspectiva para conseguir fazer surgir o interior em forma de T como uma planta centralizada. O espaço interior, sereno e monumental, é uma excelente imagem da concepção renascentista e da harmonia cósmica. A grande cúpula consiste num



símbolo e marca não só o território da cidade de Roma afirmando a presença do edifício, bem como todo o mundo cristão.

A praça anexa à basílica representa também o novo modelo de organização espacial das cidades e reflecte os ideais renascentistas no seu intencional acentuar das perspectivas através da introdução de um grande eixo central e de uma praça circular rodeada de pilastras, é evidente a geometrização e o modelo centralizado possuindo até uma certa rigidez formal resultado da aplicação directa dos canones e regras clássicas.

A composição da fachada reflecte os princípios presentes nas obras de Brunelleschi através da reintrodução intencional de elementos antropomórficos clássicos como as pilastras e a ordem coríntias e uma arquitrave muito desenvolvida. Emprega também o uso de relações geométricas elementares e uma energética acentuação da centralização espacial.

O edifício em si representa o renascimento de importantes qualidades clássicas.

IGREJA DE SANTO ANDRÉ, MANTUA

Leone Battista Alberti (1404-1472) representa, juntamente com Leonardo da Vinci, a imagem do homem renascentista e do homem universal. Alberti foi arquitecto e o primeiro teórico da arte e arquitectura do Renascimento, um versátil homem de letras e, supõe-se que seria um atleta de excepcionais qualidades físicas. A sua obra, “De re aedificatoria” (Dez livros da Arquitectura) foi escrita em 1450 e continua a ser uma das obras mais esclarecedoras e incitantes sobre o tema. Com ela relembrou o tratado de Vitruvius com uma obra mais completa e sistemática. Alberti possuía uma



consciência histórica mais profunda que Brunelleschi e tinha menos problemas de geometria nas suas obras, por isso, as suas obras são mais variadas e permitem uma margem mais ampla de caracterização significativa, no entanto, a sua produção arquitectónica foi curta em função das suas múltiplas actividades.

A igreja de Santo André, em Mantua, foi projectada em 1470 mas a sua construção só se iniciou em 1472, pouco depois da morte de Alberti. A decoração interior, bastante confusa, provavelmente não foi prevista por ele e o exterior nunca foi terminado. A planta de cruz latina é constituída por espaços principais muito amplos sem naves laterais. Em oposição, a nave central está



acompanhada por uma série de capelas alternadamente abertas e fechadas que formam uma sucessão rítmica. Este ritmo é repetido nos cruzeiros e no presbitério, este último terminando com uma ábside. Todos os espaços estão cobertos por uma abóboda de canhão corrido. O cruzeiro deveria ser coberto por uma cúpula hemisférica como as das pequenas capelas fechadas. No geral, a distribuição corresponde às instruções do sétimo livro de “De re aedificatoria” e as proporções também correspondem às suas teorias possuindo relações matemáticas e geométricas entre todos os componentes do todo unificando o exterior com o interior através da repetição do mesmo padrão enquanto que as diferentes partes do edifício, proporcionalmente diferenciadas, levam à articulação ideal da ábside.

A igreja pertence à tradição das igrejas apostólicas, há que interpretar este sentido no uso do arco triunfal romano nas fachadas do nártex embora na igreja de Santo André de Mantua se suponha que a fachada original se encontre por trás do nártex e o seu projecto incluía um frontão triangular e volutas laterais.



Em geral, Santo André representa a reinterpretação renascentista de temas simbólicos no emprego do uso deliberado de motivos romanos faz com que a igreja constitua uma das principais expressões renascentistas da cultura clássica. A ideia de usar proporções como meio de organização é genuinamente renascentista, graças a essas proporções, os diversos elementos são sentidos como parte de um espaço homogêneo. Deste modo, Alberti adoptou a concepção espacial de Brunelleschi e converteu-a num instrumento flexível capaz de expressões significativas.

BIBLIOGRAFIA

NORBERG-SCHULZ, Christian, 1979, *Arquitectura Occidental*, Barcelona; Gustavo Gili, 1983

TAINÉ, Hipólito, *Filosofia da Arte*, 1865, Buenos Aires, Primeira edição argentina; Joaquin Gil, 1945